



O CORPO DE PARTEIRA: A ESPIRITUALIDADE NAS PRÁTICAS DA PARTERIA TRADICIONAL NA CONDUÇÃO DE PARTOS E NASCIMENTOS

THE MIDWIFE CORPS: SPIRITUALITY IN TRADITIONAL MIDWIFERY PRACTICES IN CONDUCTING DELIVERIES AND BIRTHS

Thayane Cazallas do Nascimento*

Resumo: Esse artigo é um retorno direto a tese de doutorado defendida no ano de 2018 na Pós-Graduação em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Unisinos. O artigo visa o olhar para as mudanças existentes no campo da pesquisa sobre parteria tradicional/partos e nascimentos, e centraliza o aspecto do tema da espiritualidade para o desenvolvimento deste artigo, pois foi um dos elementos mais destacados para compreender a pesquisa de tese, e a conexão de parteria tradicional. O Extrato do texto também é inédito, em uma conversa com obras surgidas e discutidas posteriormente a defesa, que em uma espécie de conversa estabelecida, se apresenta neste trabalho. Dada às trajetórias contínuas vividas como pesquisadora, das conexões estabelecidas ao processo de vida, e a qual não abandona o objeto de pesquisa, corpo de parteira, e de parteira tradicional está vinculado a cosmologias das suas aprendizagens, aos seus saberes e feitos de uma cosmovisão em que a espiritualidade é a centralidade e justifica o trabalho da parteira tradicional ancestral e jovem. Como pesquisadora, e após nove anos de campo etnográfico, ao retornar é necessário afirmar que o tema pouco se dá conta em um único trabalho, ainda que dê conta de elementos centrais, é necessário revisitar determinados pontos, e esse seria o aspecto de pensar o corpo de parteiras, atribuindo um olhar para os diálogos estabelecidos após a tese, já ocorrido junto das parteiras tradicionais jovens ou ancestrais, e mesmo dentro de uma gama diversa e múltipla de suas identidades, as parteiras tradicionais centram a espiritualidade como o contexto da parteria tradicional.

Palavras-chave: Parteria tradicional. Espiritualidade. Parteiras mulheres.

Abstract: This article is a direct return to the doctoral thesis defended in 2018 in the Postgraduate in Education by the University of Vale do Rio dos Sinos/Unisinos. The article aims at looking at the existing changes in the field of research on traditional parentry / births and origins, and

* Dra. em Educação, Ma. em Ciências Sociais em práticas sociais, licenciada e bacharel em Ciências Sociais, e Gestora Pública. Professora da disciplina de sociologia no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina/IFSC Campus São José. E-mail: thayane.kingski@ifsc.edu.br



centralizes the aspect of the topic of spirituality for the development of this article, as it was one of the most prominent elements for understanding the thesis research, and the connection of traditional partery. The Excerpt from the text is also unprecedented, in a conversation with works emerged and discussed subsequently the defense, which in a kind of established conversation, is present in this work. Given the continuous trajectories lived as a researcher, of the connections established to the life process, and which does not abandon the object of research, body of midwife, and of traditional midwifery is linked to cosmologies of her learning, to her knowledge and made of a worldview in which spirituality is the centrality and justifies the work of the traditional ancestral and young midwives. As a researcher, and after nine years of ethnographic field, when returning it is necessary to affirm that the subject is little realized in a single work, even if it gives account of central elements, it is needed to revisit certain points, and that would be the aspect of thinking the body of midwives, attributing a look to the established dialogue after the thesis, already occurred with the traditional young or ancestral midwives, and even within a diverse and multiple range of their identities, the traditional midwife center the spirituality as the context of the traditional partner.

Keywords: Traditional partnership. Spirituality. Midwives women.

Considerações iniciais: A espiritualidade como compreensão das cosmologias de partos e nascimentos

A parteira é o corpo espiritual do mundo terreno

A parteira é o corpo espiritual do mundo terreno, trabalhadora, talvez como muitas formigas fazem, andam de um lado para outro e cheias de objetivos de fé, elas se movem na cura das dores do corpo-alma em parto, e auxiliam na passagem de ritos de vida/nascimento e de morte-vida.

Elas movem o mundo, e sabemos que elas existem, de como foram e como são necessárias para pensar o mundo de Pachamama-MÃE DO MUNDO e Corpo Território Mundo-Pachamama!

Pachamama conhece o rosto de cada uma das parteiras, as beija, e abençoa, fortalece com gana e rebeldia, as doa em forças de mãos e sabedoria, porque como corpo de parteira, sabemos do que são capazes, e o que fazem? Em serviço do mundo, e de um saber anarquista da vida, transitam para além de títulos, e certificados, e estão com interesses erradicados ao fazer nascer.

As Parteiras acumulam nomes, corpos, vidas e desejos não compartilhados, mas vivem vidas apropriadas de risos, lutas e afilhados, mulheres e homens amados. As parteiras distribuem bênçãos e rezos- a gente sabe que corpo de parteira foi o primeiro a queimar como bruxa- *Oras, e não seria deste mesmo corpo manipulado que sairia um dos maiores trabalhos almejados? Em dar vida, ou retirá-los? Perigoso ofício é melhor eliminá-los!*

Queimadas, mas sementes, as parteiras nascem em solo que Pachamama beija, olha-vigia e assopra. Já estão com novos corpos, estão presentes. Se alguém é por elas, essa é a



Pachamama, aproximada do ofício de parir um mundo que nem sempre é lembrado, muitas vezes maltratado.

PACHAMAMA reivindica e decreta: ***O corpo de parteira é a minha raiz, pode até arrancar essa, mas nasce outra logo ali. Nós temos o mundo como território de saber viver, se nos varrer, pode se arrepender! Dado isso, nós vamos continuar a nascer.*** Homenagem a Marcey Carvalho, que em 2023 voltou ao solo e trabalho com Pachamama. (Thayane Cazallas do Nascimento – artista).

Este artigo é uma revisitação a tese de doutorado “Das cosmologias de partos/nascimentos: um estudo sobre saberes relacionados às concepções de parteria contemporânea”¹, defendida na Pós-Graduação em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Unisinos e concluído no ano de 2018. As etapas e o desenvolvimento desta tese foram acompanhados pelo Núcleo de Pesquisa de Gênero da Faculdades EST (NPG), espaço que me aproximo em duas oportunidades, a primeira através de um curso/oficina oferecido pela instituição no ano 2013, e posteriormente pela minha primeira orientadora da tese, Dra. Edla Eggert, no ano de 2014, e assim estreitando o vínculo e os estudos no tema de gênero e religião.

O Núcleo de Pesquisa de Gênero, por ser um espaço de partilha de pesquisa de cunho ecumênico, identifiquei como uma das maiores potências de diálogo que possuem e que me ajudou no fortalecimento da discussão, do eixo “espiritualidade”, estruturante e inédito na abordagem de uma tese na Educação, e também na abordagem no tema sobre parteria/parto e nascimento.

Integrada desde o ano de 2013, ao longo dos anos participei de diversas atividades promovidas pelo NPG através dos encontros, debates, pesquisas, artigos, oficinas, e ministrei uma aula temática na abordagem da história do parto, e também produções em coordenação de grupos de trabalhos nos Congressos Internacionais e Latino-americanos, por isso a menção como espaço que contribuiu no desenvolvimento de ideias através do envolvimento com pesquisas.

Como integrante, e posteriormente pesquisadora do NPG, pude compreender as diversas dimensões de como abordar “espiritualidade e religião”, de forma a olhar através do exercício do estranhamento antropológico de que ‘ver aquilo que nos é diferente com outros olhos’, nos gera a compreensão do mundo,

¹ NASCIMENTO, Thayane Cazallas do. **Das cosmologias de partos/nascimentos: um estudo sobre saberes relacionados às concepções de parteria contemporânea**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.



No final do ano de 2017, apresentando ao NPG o fragmento do eixo “espiritualidade”, em que a abordagem final se considera pronta. Em 2023 permaneço como pesquisadora deste mesmo núcleo, que é um espaço de lugar afetivo, e lugar de contribuição do meu crescimento acadêmico.

As Parteiras: *um corpo estranho, o mundo com amor*

Um ethos cosmológico de uma educação que inclua a palavra amor como um princípio a ser considerado em um exercício científico não é um abuso da linguagem poética, mas é uma expressão lógica de imersão, nesse aprendizado. Em muitas das leituras realizadas, assim como no campo da pesquisa etnográfica, veio à mente, por diversas vezes, que o envolvimento com o tema da pesquisa aponta a mudança da própria interpretação de Ciência.²

O subcapítulo que inicio neste recorte é o 3.6: “Em busca de um ethos cosmológico da educação do parto/nascimento com amor”, neste caminho de proposta de um olhar tanto do ponto de vista da educação, mas também da proposta de pensar sobre o espiritual vivenciado, o amor ao conhecimento do parto e do nascimento pelas parteiras tradicionais.

Com um tema inédito na área da Educação, o objetivo central da pesquisa foi investigar os saberes e aprendizagens estabelecidos em um grupo de grávidas/dos, forma de acolhimento para famílias, e pessoas interessadas na aprendizagem de partos e nascimentos “na tradição”, categoria apresentada pelo próprio campo da pesquisa, conforme a formação das jovens parteiras direcionadas pela parteira tradicional formadora, Suely Carvalho. A formação é a partir desta parteira através dos seus ensinamentos passados pela sua própria condução, e seus conhecimentos organizados através da Escola de Saberes, Cultura e Tradição Ancestral/ESCTA, situada em Olinda/PE.

As parteiras aprendizas desta formação “na tradição” se tornam atuantes nas suas cidades de morada, ou de proximidades através de uma roda de casais grávidos, e de mulheres grávidas, chamada de Flor da Vida na cidade de Porto Alegre/RS, no ano de 2014.

A roda de acolhimento teria como objetivo em ser um espaço dedicado em acolher mulheres grávidas, casais, e até as famílias para ouvir sobre os processos da

² NASCIMENTO, 2018, p. 147.



gravidez, e também para conduzir na preparação para o parto via vaginal na tradição, ali está contido muitas das aprendizagens próprias deste universo do parir³. Ao mesmo tempo, a roda por conter um tom de ensino e aprendizagens coletivas pelos presentes, porque todas as grávidas falavam, e por ouvir uns aos outros, também era um espaço de direcionamento que identifico em ser a potência de uma leitura freiriana⁴.

Ao finalizar a escrita da tese, tento responder o “porquê” de precisar retomar a pergunta “o que é Educação?”, dando retorno ao seu sentido primário, a nascente das perguntas, e esse momento é propício para pensar o contexto social e histórico.

Neste período, o contexto social apresenta uma curiosidade em torno do tema, e a intensificação pela procura do parto via vaginal, por conta das experiências de figuras populares, como a da Gisele Bündchen, a de atrizes, e também pela produção que se populariza através do documentário “O Renascimento do Parto⁵” e se torna acessível a um determinado grupo e classe social, mas que ao identificar o que pesquisadoras/es já denunciavam, os excessos e o paradigma da industrialização do parto.

A industrialização do parto, a cesariana como regra assume uma visão, é imperativo ao tempo do médico, e não ao corpo tempo do parto e do nascimento que ocorre de forma única e muito particular a cada corpo de mulher e nascimento.

A partir dos estudos e pesquisas de Carmen Simone Grilo Diniz⁶, Mônica Baia Maia⁷, o modelo de parto taylorista é mencionado, a um paradigma de parto⁸, e ele tem a “predominância do parto como ato médico, cirúrgico e medicalizado, e vem sendo discutida em vários âmbitos acadêmicos”, pois os dados revelam que a cesariana não é um modelo garantido de salvamento nem do bebê, e nem da mulher, ele é um recurso de intervenção, mas que principalmente no Brasil os dados são de altos índices de

³ Apreendi sobre o momento do parto, a comunicação do corpo de mulher e parturiente, a hora de ser mais tranquila e a de saber agir. É importante destacar, mais algumas vezes, nem todo o parto estava de fato pronto para ser conduzido de fora do hospital, ou livre de uma cesariana, e através de exames e do pré-natal é que seria um divisor, ou segue para um parto via vaginal, ou precisa da intervenção da cesariana, pois a condução era uma tomada de responsabilidades profissionais conforme os exames que as mulheres apresentavam. NASCIMENTO, 2018.

⁴ Artigo em desenvolvimento.

⁵ O RENASCIMENTO do Parto. Direção: Eduardo Chauvet. [S./l.]: MasterBrasil Filmes, 2013. (Documentário, 91min).

⁶ DINIZ, Carmen Simone Grilo. **Assistência ao parto e relações de gênero: elementos para uma releitura médico-social**. 1997. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

⁷ MAIA, Mônica Baia. Assistência à saúde e ao parto no Brasil. In: **Humanização do parto: política pública, comportamento organizacional e ethos profissional**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010. [Online]. p. 19-50.

⁸ NASCIMENTO, 2018, p. 48.



cesarianas, ultrapassando os 15% indicados pela Organização Mundial da Saúde, a extrapolar nos seus 55,1%⁹ atualmente.

Nesse sentido, pode-se criar, por exemplo, a já mencionado citar, por exemplo, em entrevista concedida à revista Estudos Feministas, em 2012, explica a noção de 'tudo de passagem' do parto medicalizado, visto como 'um evento ritualístico que afirma os valores dominantes da sociedade industrial e patriarcal sobre a mulher' (TORNQUIST, 2012, p.390). Para Davis Floyd (1997) o termo 'tecnologização da vida', permite analisar como a tecnologia, quando distanciada dos sentidos da vida, das suas simbologias, e muito mais aproxima da mecanização, transfigura e limita as descobertas da própria tecnologia em prol de um bem-comum, tornando-se então inapropriada, limitadora, violenta e elitista.¹⁰

Além disso, podemos justificar o surgimento da violência obstétrica como um dos sintomas mais evidentes deste ambiente, pois parte de uma visão unilateral de poder, de um ambiente que viveu por muito tempo sem poder ser penetrado, e questionado sobre os imperativos do exercício da medicina, pois quem poderia questionar? A não ser as próprias mulheres? Uma cegueira do patriarcalismo e do imperativo lugar de expiação do "parirás com dor presente em Gênesis 3:16: "À mulher, ele declarou: 'Multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos. Seu desejo será para o seu marido, e ele a dominará'."¹¹

Não somente o espaço hospitalar como lugar hostil, mas a experiência do parto como usurpação de narrativas de boas experiências sobre os ritos do parto, outros pontos importantes que localizam a importância do olhar da espiritualidade *presente na tradição* que centraliza o tempo, as narrativas e o protagonismo da vida da mulher na hora do parto são alguns dos pontos levantados e desenharam esse mapa das discussões da tese.

No campo da pesquisa global, Michel Odent¹², médico francês e obstetra pioneiro em temas sobre a importância da mudança paradigmática do parto, e Vandana Shiva¹³, filósofa, física, ecofeminista e ativista ambiental indiana, no que compreende o

⁹ FRASÃO, Gustavo. Ministério lança protocolo com diretrizes para parto cesariana. **Gov.br**, Brasília, 04 abr. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2016/abril/ministerio-lanca-protocolo-com-diretrizes-para-parto-cesariana>. Acesso em: 08 nov. 2023.

¹⁰ NASCIMENTO, 2018, p. 48.

¹¹ BÍBLIA ONLINE. **Gênesis 3:16**. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/3/16>. Acesso em: 08 nov. 2023.

¹² ODENT, Michel. **O camponês e a parteira**: uma alternativa à industrialização da agricultura e do parto. Trad. Sarah Bauley. São Paulo: Ground, 2003.

¹³ SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente**: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Trad. Daniela de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

trato ao corpo da mulher gestante, ambos reconhecem a conexão do meio ambiente, e os perigos existentes no consumo dos agrotóxicos, da infertilidade, do câncer, não obstante, os efeitos ao trato das mulheres ao tocante ao parto, e a cultura no que compreendemos como reprodução humana.

No caso de Vandana Shiva pelo olhar do ecofeminismo, e de Odent pelo meio ambiente em uma discussão em seus campos de atuação reconhecem os desenhos do presente social e político, e pensam novos desenhos para o futuro: as principais ideias de ambos chamam a atenção para os aspectos sociais, geográficos, econômicos e políticos. Poderia se dizer que são como um grito para a consciência.

As parteiras na tradição, da anciã ou das jovens parteiras, jovens e assim localizadas na etnografia pela roda Flor Da Vida desempenharam, assim como outras rodas de acolhimento pelo Brasil desempenharam e desempenham, ainda que destoante do cenário imperativo da regra da cesariana, um despertar através tanto do conhecimento pelas técnicas, assim como da partilha dos relatos, a consciência e potencialização de saber que o corpo da mulher pode em seu pleno desenvolvimento ter a capacidade de parir com o mínimo de intervenções.

Fotografia 1 – Aspecto da realização de uma Roda do Espaço Flor da Vida (2014).



Fonte: NASCIMENTO, 2018, p. 95.



Elementos surgidos na pós-tese¹⁴, em reflexões mais recentes: o corpo de parteira é detentor de um conhecimento, de uma técnica, e dos estudos que estabelecem e as suas visões são múltiplas. Hoje já identificados pelas diversas representações que possuem, mas também por esse corpo ter a experiência de mulher que pariu, ou que vivenciou perdas, ou até mesmo apenas ocupa o corpo de mulher que é parteira tradicional está carregado de consciência e memória, e pode lembrar as demais mulheres, assim, esse corpo de mulher parteira é ao quadrado um corpo território de si.

O deslocamento da abordagem da espiritualidade – O elemento do corpo de parteira é território fértil da fé

Muito se ressalta que o saber ocupa um lugar de poder, portanto, discutir aspectos de uma cosmovisão distinta da qual encaramos a racionalidade e empregamos o nosso conhecimento – e o parto/nascimento é um destes temas negligenciados – porque quando dizemos que pouco cabe o interesse em pensá-lo, contribuímos para uma versão de ciência que desqualifica saberes, aprendizagens e conhecimentos possíveis.¹⁵

Ao me deparar com o cenário de vivências nos quatro anos de campo etnográfico, a formação das jovens parteiras através da tradição da parteira tradicional Suely Carvalho tinha como linguagem central a apreensão da sua ancestralidade, e da espiritualidade como condutora da formação de parteiras, ou seja, entre ritos, rezas, benzimentos, uma cosmologia de saberes e aprendizagens que centralizavam a espiritualidade como um elemento primordial de ensinamento e formação para as parteiras jovens e formadas “na tradição” da parteira, e na sua parteria¹⁶.

Elemento de cosmovisão, e do que chamam de ancoramento, que é fortalecer o conhecimento das aprendizagens passadas. O parto e o nascimento estão relatados na tese¹⁷, e sobre esse corpo em formação de parteira, e destaco o trecho a seguir:

¹⁴ Atualmente participo e sou uma das pesquisadoras colaboradoras no Movimento das Parteiras Tradicionais do Brasil. O movimento é organizado pelas próprias parteiras jovens e mais velhas, que se auto-organizam para travar espaços no campo da política pelo reconhecimento da legalização ativa da profissão. Estão em diversas regiões do Brasil, e o movimento é recente, iniciado em abril de 2020.

¹⁵ NASCIMENTO, 2018, p. 149.

¹⁶ O termo “parteria”, que se refere ao conjunto de saberes e aprendizagens em torno do conhecimento do parto, remete a distintas formas de apropriação e ao diálogo que propicia o encontro do saber científico com o saber popular e a troca entre eles que pode promover a transversalidade desses saberes. NASCIMENTO, 2018, p. 17.

¹⁷ NASCIMENTO, 2018, p. 97-110.



Um desses rituais de passagem é aquele que estabelece o surgimento da 'nova mulher' ou o 'nascimento da mulher parteira'. Acompanhei o caso de Eliane Scheele, quando ela se tornou parteira 'na tradição'. Naquele momento, por convite da mestra Marcelly Carvalho, ela raspou os cabelos em uma demonstração de aceitação de sua nova condição. Com base em minha observação, interpretei que esse ato representou uma busca de transformação, um novo começo e uma entrega pessoal, além de uma marca, uma distinção física, que assinalou a conclusão de uma etapa de sua formação e sua passagem de aprendiz a parteira. Na fotografia abaixo apresento um registro de sua imagem após esse processo.¹⁸

Imagem 2 – Parteira tradicional Eliane Scheele – campo etnográfico em Porto Alegre/RS.



Fonte: NASCIMENTO, 2018, p. 100.

A espiritualidade que vem para o corpo como uma marca necessária de expressão; como uma escolha e como uma linguagem de um corpo de parteira mulher, essa reflexão após cinco anos da publicação da tese, ainda reverbera, e possui um crescente no envolvimento do tema, pois espiritualidade é uma concepção de cosmovisões, e são poucos os espaços acadêmicos que abordam com profundidade a presença desta expressão da vida.

A teologia, e a teologia feminista não foram escolhas diretas tratadas na construção da escrita da tese, mas presentes no campo subjetivo da pesquisadora, escolhas necessárias e recortes que ocorrem na aproximação objetiva de linhas de pesquisa, objetividades de campo e áreas de conhecimento, assim, detendo-me ao olhar antropológico na justificativa da cosmovisão como olhar único do campo das parterias tradicionais, por isso, as pontes e conexões necessárias como um lugar seguro para se montar a tenda como escreve Ivone Gebara em Teologia Ecofeminista¹⁹.

¹⁸ NASCIMENTO, 2018, p. 99.

¹⁹ GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista: Ensaio para repensar o conhecimento e a religião**. São Paulo: Olho D'água, 1997.



E neste lugar seguro para se montar a tenda, é que a reflexão sobre parto, espiritualidade e ciência se faz possível, e Gebara nesta reflexão realiza a ponte necessária ao falar sobre o desenvolvimento do feminismo, e da tarefa de se explicar pela via científica²⁰, pois os seres científicos, humanos de poder e sabedoria estavam universalizados por seres humanos masculinos. Nessa a face do conhecimento científico, não obstante, o:

[...] conhecimento científico, filosófico, teológico ou apenas conhecimento verdadeiro, a referência era o conhecimento realizado e divulgado pelos homens. As mulheres e ao povo pobre restava o conhecimento empírico, baseado na experiência cotidiana e que não era reconhecido como verdadeiro.²¹

Mulheres, parteiras, e espiritualidade presente na compreensão do parto e do nascimento, como experiências de uma epistemologia na contramão dos projetos androcêntricos e patriarcais, e não é por acaso que ainda estão presentes nesta dificuldade quase que materializada de encontrar espaços para compartilhar os conhecimentos observados deste campo.

As parteiras ancestrais, as mais velhas são bem aceitas no imaginário social, também são aceitas quando ocupam um espaço da produção acadêmica sobre o seu ofício, que é profissão, e também ironicamente, são bem aceitas quando se torna na história da medicina obstétrica uma menção de seus saberes como a lembrança de um saber superado, que pode ser substituído pela obstetrícia, mas que ao mesmo tempo provoca uma espécie de retorno a inquisição quando parteiras saem dos territórios longínquos, onde trabalham no lugar em que a medicina não chega.

Neste movimento, o espaço urbano²² é compreendido como um território impensado para outros modelos de partos, neste simbolismo do progresso, da tecnologia caberia apenas à visão de um tempo mecanicista para o parto, quem diria para jovens parteiras tradicionais²³.

O tema nos sugere outras pontes, é necessário lembrar que este corpo de parteira foi um dos primeiros a queimar como bruxas, Silvia Federici²⁴ inclusive nos sugere a compreender este corpo como uma força ativa de contraposição a força

²⁰ GEBARA, 1997, p. 06.

²¹ GEBARA, 1997, p. 06.

²² NASCIMENTO, 2018, p. 145.

²³ Jovens parteiras tradicionais – Movimento de Parteiras Tradicionais do Brasil.

²⁴ FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**: na idade média aos dias atuais. Trad. Heci Regina Candiani, São Paulo: Boitempo, 2019. p. 25.



capitalista, “na Europa e nas colônias do chamado Novo Mundo dos séculos XVI e XVII muitas delas, talvez por isto chamadas bruxas, resistiram de diversas formas ao confinamento e à subordinação exigidos pela nova ordem” e nesta leitura atualizada com Federici, nos territórios latino-americanos as bruxas parteiras, possuíam a resistência destas mulheres.

Federici aponta a resistência das mulheres na ação de protestos, os cercamentos de terras, protestos no que tangia ao preço de grãos, *mulheres agitadoras?* E contra *o status quo*? O mais importante neste trabalho histórico é saber que as mulheres não foram dóceis à implantação ao sistema capitalista no seu berço, e diria até que agiram contra o domínio do capitalismo, inclusive no enfrentamento aos moldes dos núcleos familiares:

[...] à imposição da família nuclear, à apropriação e à destruição de seu corpo e seus saberes. Não tínhamos detalhes de como haviam sido acusadas de bruxas as parteiras as que não aceitavam a escravização ou o intenso processo de pauperização, as que continuavam a exercer sua sexualidade como bem entendessem. Milhares de mulheres, centenas de milhares, foram torturadas, presas ou queimadas em praça pública.²⁵

Nesta marcação histórica a aproximação entre Gebara²⁶ e Federici²⁷ se torna satisfatória, já que dada reflexão se permite neste tempo, e nesta conjuntura do artigo. Uma satisfação, e uma justificativa científica pela epistemologia feminista que nos permite ler a história das excluídas, porque é um movimento de autoconhecimento pelas mulheres: cientistas, parteiras, filósofas, curandeiras, professoras, médicas, no resumo, as bruxas de outrora, dentre outros reconhecimentos retomando para um protagonismo da história:

O ato de conhecer é um ato contextual — situado e datado — e marcado por aspectos ideológicos com tendências sexistas, isto é, que sublinham a importância de um sexo sobre outro. O conhecimento androcêntrico desemboca num conhecimento antropocêntrico no qual as ações e reações humanas são colocadas em evidência.²⁸

É necessário “mover o solo”²⁹, e nestas evidências o olhar sobre a espiritualidade e parteria tradicional estão neste pensamento, e nem podem esgotar com uma única

²⁵ FEDERICI, 2019, p. 25.

²⁶ GEBARA, 1997.

²⁷ FEDERICI, 2019.

²⁸ GEBARA, 1997, p. 35.

²⁹ GEBARA, 1997.



pesquisa, ainda que extensa e profunda, e ainda neste querer que se comprometa em ver de novo quantas vezes forem necessárias, é preciso inverter o mapa.

A espiritualidade como um destes traços pertencentes ao que consideram o sagrado, os processos de cura do corpo físico, e a do corpo sutil (espírito), também está presente na condução de olhar e ouvir as mulheres gestantes, a parteria espiritual considera o ser como sagrado, a mulher que pare e o seu processo de gestação é singular e cada caso é um caso, e a criança que vem ao mundo precisa ser recebida no tempo em que ela está pronta, e é aí que se compreende a ideia de um sagrado feminino.

Assim, compreende-se a dimensão do sagrado feminino como um traço espiritual:

A dimensão espiritual está presente no corpo na hora do parto que deve despir-se do pudor a que foi submetido pelas concepções religiosas de pecado e pela assepsia da medicina hospitalar. É o corpo que sustenta o sagrado e este corpo deve ser educado para a liberdade e para a sexualidade, permitindo-se vivenciá-la também como um evento espiritual. O parto e o nascimento espiritual devem ser vividos de forma consciente e integral, possibilitando a autoeducação e a preparação adequada para a realização do potencial das forças sagradas que assomam no momento do parto.³⁰

A compreensão de parteria espiritual³¹ está presente desde 1970, e Ina May Gaskin, uma parteira surgida do movimento hippie, se torna parteira dada à necessidade de atendimento aos partos das mulheres que estavam em trânsito, totalizando 11 partos ao total.

Gaskin se torna uma das parteiras mais reconhecidas internacionalmente³², e escreve o livro *Spiritual Midwifery*, publicado em 1977, e traduzido para o espanhol *Partería Espiritual* no ano de 2007³³. Ao observar 2.000 nascimentos, Gaskin percebe que se operam determinadas leis, como a física, a astronomia, e estas influenciam no progresso do parto³⁴, eis que somadas a cada mulher, a cada gestação dada a forma fisiológica, hormonal, psicológica, é singular e compreende essa energia como espiritual.

³⁰ NASCIMENTO, 2018, p. 110.

³¹ NASCIMENTO, 2018, p. 107.

³² NASCIMENTO, 2018, p. 108.

³³ GASKIN, Ina May. **Partería Espiritual**: La naturaliza del nacimiento entre el amor y la ciencia. Buenos Aires: Mujer Sabia Editoras, 2007.

³⁴ GASKIN, 2007 *apud* NASCIMENTO, 2018, p. 108.



Considerações finais: é necessário inverter o mapa – (entre a mulher e a parteira) a experiência de parir e nascer de si mesmas

As expectativas são compartilhadas com as pessoas e é um ritual solene muito intenso, emotivo, seguido de cânticos específicos que falam em mulheres, em proteção das entidades de forças emanadas como femininas no momento do parto. Alguns como pontos de umbanda, como o de Iemanjá, a de Oxum que está muito conectada com a representação de um sagrado feminino, e que se faz consciente por esta simbologia do seu estado de força e poder que são capazes de realizar, e através deste totem e através das palavras lembram-a da coragem, e dos feitos que necessários para que a mulher prossiga presente no parto natural, via vaginal na tradição.³⁵

Ao revisitar a tese defendida em 2018, incluiria a obra de Casilda Rodríguez Bustos, autora que é publicada no Brasil pela Editora Luas no ano de 2020, dois anos depois da pesquisa já concluída, mas que faz parte das minhas leituras contínuas, e dos trabalhos surgidos após a defesa de tese³⁶.

Casilda Rodríguez Bustos³⁷ desenvolve em “Pariremos com Prazer” comprovação científica da capacidade do útero e das funções que ele exerce de maneira sistêmica na hora do parto. Muitas das parteiras, ao aplicar o seu conhecimento no atendimento na hora do parto, são conhecedoras muitas delas pela própria experiência de parir, outras pelo estudo, ou no acompanhamento empírico de outros partos, e sabem dos impulsos e funções que o útero exerce na sistemática que existe na hora de parir.

Assim, durante a escrita deste artigo e ao revisitar o trabalho de tese, pela primeira vez traço essa ponte que busca aproximar a leitura de Bustos³⁸, a presença das parteiras compreendidas como contemporâneas, e assim chamadas pelo contexto histórico e social que estão inseridas são todas contemporâneas, e como parteiras tradicionais na compreensão social é porque através das gerações se adaptaram ao tempo que estão presentes, no contexto social atual, pois a tradição só existe e se mantém porque se regenera no tempo através dos conhecimentos mantidos, e de

³⁵ NASCIMENTO, 2018, p. 05.

³⁶ NASCIMENTO, Thayane Cazallas do. A inversão dos saberes e as práticas nocivas através da violência obstétrica: A conquista da lei estadual nº17.097/201. *In*: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia (org.). **Estudos Feministas, Mulheres e Educação Popular**. São Paulo: Editora LibeArs, 2019. 2 v.; NASCIMENTO, Thayane Cazallas do. Uma convenção do pensamento matrístico: partos e nascimentos, ecofeminismo e agroecologia. *In*: KROB, Daniéli Busanello; BRUN, Marli; SENGER, Sabrina (org.). **Coragem – Criatividade – Esperança: VII Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião**. São Leopoldo: CEBI, 2022. p. 277-286.

³⁷ BUSTOS, Casilda Rodríguez. **Pariremos com prazer**. Trad. Carolina Caires Coelho. Belo Horizonte: Luas, 2020.

³⁸ BUSTOS, 2020.



encontro a linguagens, e saberes das jovens parteiras, caso contrário, se findaria com as parteiras anciãs.

As parteiras contemporâneas não só incluem uma proposta de parto, um viés de crenças e de fé espiritual, mas incluem fortemente a potência espiritual da mulher que pare, baseada em potencializar e assegurar uma memória, ou rememoração por vias de conhecimento do corpo de parteira, que tem a concepção daquele corpo de mulher que consegue parir, neste caso, de que a história patriarcal se apropriou dos corpos das mulheres e as fez desacreditar, e colocando no lugar conhecimento de que esse corpo era enfermo, assim como o corpo da parteira, e de seus saberes e aprendizagens como territórios inférteis.

Nesta saga do patriarcado, ambos os corpos precisam de intermediação, ou seja, o corpo de uma mulher que pare é totalizado e precisa de intermediação porque sozinha ela é incapaz de parir. Para Bustos, “toda essa educação que acontece ao longo da socialização das meninas é o que faz com que há séculos, os úteros sejam espásticos e que o parto seja realizado com dor”³⁹. Na tese, essa reflexão está reforçada ao compreender uma cosmopolítica do corpo, tanto do corpo da mulher que pare, quando a do corpo de parteira, parte de uma reconstrução do olhar de si mesmas como mulheres, para que possam expandir os seus saberes e somar as suas aprendizagens.

Se realizarmos uma breve compreensão de pesquisa em nenhum outro espaço é realizado um ritual de passagem como o citado anteriormente em nossa sociedade patriarcal contemporânea. Sobre o espaço hospitalar nem a voz em expressão de dor são bem acolhidos por equipes médicas, em alguns relatos em pesquisa muitos dos gritos em momentos do parto são vistos como ‘escandalosos’ ou ‘desnecessários’, percepções que começam a ser considerados hoje em dia como violência obstétrica.⁴⁰

Embarco nestas “águas” e linhas de aproximações teóricas, nesta revisitação para me aproximar do pensamento de Bustos, porque ela fala da “socialização patriarcal”, pois é a partir dela, que podemos ser criadas em estado de necessidade e de medo⁴¹, e fala diretamente de um medo da morte durante o parto, por isso, um descrédito de si de forma sistematizada, o parto como cenário de dominação destes corpos.

³⁹ BUSTOS, 2020, p. 57.

⁴⁰ NASCIMENTO, 2018, p. 101.

⁴¹ BUSTOS, 2020, p. 103.



A sociedade patriarcal tem se ocupado, ao longo dos milênios, de acabar com a simbiose mão-filho (Michel Odent), para que, assim que nasça, a pessoa se encontre em meio a um deserto afetivo, da assepsia libidinal e das carências físicas que acompanham a ruptura da simbiose, para as quais seu corpo não estava preparado.⁴²

Neste encontro do deserto afetivo, o papel da parteira na sociedade contemporânea é a retomada de um dos assombros de um capitalismo violento, patriarcal e machista, porque este foi um corpo pensado em ser apagado, queimado. Um corpo anárquico com o poder de auxiliar a nascer, além de tudo, em sua maioria de mulheres, e assim se construiu um mapa para ser atacado, um ponto no território, de forma simbólica e precisa de que as parteiras precisam ser o símbolo da ignorância, e do conhecimento insuficientes, do primitivo, do antigo, do arcaico.

Confesso que compreender o Sagrado Feminino estava em desenho neste período, mas compreendo a dimensão política, e a necessidade em saber ler conforme os perigos e riscos de determinados discursos e narrativas. Nestes meandros, a inversão também é anárquica se bem localizada sobre uma cosmovisão que se modifica por dada a coerção social, trajetória inversa da apropriação de determinados saberes das Ciências Médicas, centrada no olhar masculino e patriarcal, abalar e estremecer determinados ideais também fazem parte dos processos de popularização deste campo.

Hoje, já conseguimos dimensionar a crítica deste sagrado feminino que precisa ser perguntado: Para quem o sagrado feminino importa? Quais são as armadilhas que precisamos estar preparadas para nos precaver? E também quem é que pode narrar o sagrado e esse feminino? E qual é e para quem é uma dimensão inclusiva? Ou ela é exclusiva, capitalista, classista e racista? Ou seja, a pesquisa localiza, dentre outros pontos levantados, esse lugar a partir do corpo de parteira, e daquela que pare e nasce de fato é um território sagrado, dentro de limitações de pensar com ferramentas apropriadas, quando se torna um lugar-território corpo, ela faz sentido na compreensão da espiritualidade, ou seja, o sujeito integral considera a espiritualidade como elemento estruturante de si, para se fazer sagrado.

São elementos de fé, que conduzem a parteira tradicional, antes mesmo de se fazer narrativa, porque está instalado no corpo fazer, da sua prática, e na configuração formadora dos seus conhecimentos, aprendizagens que atribuem sentidos cheios de

⁴² BUSTOS, 2020, p. 103.



simbologias na construção do sujeito histórico. A fé e a espiritualidade são linguagens trajetos do corpo de parteira, e na condução do seu parto e do nascimento assistido.

Referências

BÍBLIA ONLINE. **Gênesis 3:16**. Disponível em:

<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/gn/3/16>. Acesso em: 08 nov. 2023.

BUSTOS, Casilda Rodríguez. **Pariremos com prazer**. Trad. Carolina Caires Coelho. Belo Horizonte: Luas, 2020.

DINIZ, Carmen Simone Grilo. **Assistência ao parto e relações de gênero: elementos para uma releitura médico-social**. 1997. Dissertação (Mestrado em Medicina) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

FEDERICI, Sílvia. **Mulheres e caça às bruxas: na idade média aos dias atuais**. Trad. Heci Regina Candiani, São Paulo: Boitempo, 2019.

FRASÃO, Gustavo. Ministério lança protocolo com diretrizes para parto cesariana. **Gov.br**, Brasília, 04 abr. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2016/abril/ministerio-lanca-protocolo-com-diretrizes-para-parto-cesariana>. Acesso em: 08 nov. 2023.

GASKIN, Ina May. **Parteria Espiritual: La naturaliza del nacimiento entre el amor y la ciencia**. Buenos Aires: Mujer Sabia Editoras, 2007.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista: Ensaio para repensar o conhecimento e a religião**. São Paulo: Olho D'água, 1997.

MAIA, Mônica Baia. Assistência à saúde e ao parto no Brasil. *In: Humanização do parto: política pública, comportamento organizacional e ethos profissional*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2010. [On-line]. p. 19-50.

NASCIMENTO, Thayane Cazallas do. **Das cosmologias de partos/nascimentos: um estudo sobre saberes relacionados às concepções de parteria contemporânea**. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2018.

NASCIMENTO, Thayane Cazallas do. A inversão dos saberes e as práticas nocivas através da violência obstétrica: A conquista da lei estadual nº17.097/201. *In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cassia (org.). Estudos Feministas, Mulheres e Educação Popular*. São Paulo: Editora LibeArs, 2019. 2 v.

NASCIMENTO, Thayane Cazallas do. Uma convenção do pensamento matrístico: partos e nascimentos, ecofeminismo e agroecologia. *In: KROB, Daniéli Busanello; BRUN, Marli; SENGER, Sabrina (org.). Coragem – Criatividade – Esperança: VII*

Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: CEBI, 2022. p. 277-286.

ODENT, Michel. **O camponês e a parteira:** uma alternativa à industrialização da agricultura e do parto. Trad. Sarah Bauley. São Paulo: Ground, 2003.

O RENASCIMENTO do Parto. Direção: Eduardo Chauvet. [S./l.]: MasterBrasil Filmes, 2013. (Documentário, 91min).

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. Trad. Daniela de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

Recebido em: 09 jun. 2023.

Aceito em: 04 dez. 2023.